

Entrevistado: Dinaldo Domingues

Entrevistadora: Débora Zampier

Dinaldo Domingues: Meu nome é Dinaldo Domingues dos Santos. Quando eu me aposentei, eu me voltei para cultura. E eu cheguei aqui em 1973, fui transferido de Recife para cá. Eu sou de uma cidade do alto sertão de Pernambuco, chamada Sertânia, em 73 fui convidado para vir para Brasília.

Débora Zampier: Por que motivo?

Dinaldo Domingues: Meu pai morreu em 1972. E eu fiquei. Era... são 7 irmãos. O convite era tentador, e ouvia falar muito de Brasília, e se não der certo, eu volto.

Débora Zampier: E o que o senhor ouvia falar de Brasília na época?

Dinaldo Domingues: Que seria a cidade do futuro, planejada. Eu gostava muito do dinamismo do Juscelino.

Débora Zampier: Então a fama da cidade já havia chegado até lá no interior... do nordeste todo no mundo já conhecia?

Dinaldo Domingues: Já, já... E o pessoal, meus amigos que vinham, às vezes vinham para cá e voltavam sem isso, “ah, vamos lá”. Vem sem isso, e, eu, me dei bem. Quer dizer, fiz um bocado de amigos aqui. Quer dizer, a maioria também de fora, que a maioria de fora. O nordeste em peso está aqui: Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Bahia, tá todo mundo aqui. Então, eu vim para cá...

Débora Zampier: E essa proposta que o senhor recebeu, foi do quê, para trabalhar em quê, exatamente?

Dinaldo Domingues: Eu era do Ministério do Transporte, vim para cá, porque eu era de uma autarquia chamada Departamento de Estrada de Ferro. Aí quando cheguei aqui, eu fiz um concurso pra área de fiscalização, para o controle interno. Passei, mas fiquei no Ministério do Transporte e com a Secretaria de Controle interno, e cada ministério meu. E fiquei na área de portos, viajava muito para o porto, me dei bem. Depois teve uma passagem de todo controle interno pra o ministério da fazenda, né? Gozado que eu nunca trabalhei no ministério da fazenda, mas soube do ministério da fazenda por causa da fiscalização dos outros ministérios. E... 90 eu me aposentei, é... queria voltar para as origens, minha mulher não quis... porque os 4 filhos casaram aqui, eu tenho dez netos, e ela não queria abrir mão de deixar os filho dela.

Débora Zampier: E sua esposa é daqui ou é de lá?

Dinaldo Domingues: Não, lá Recife, lá de Recife na beira da praia. Da família Falcão, pelas ruas Falcão. Estou aqui até hoje, de vez em quando eu dou uma fugida lá.

Débora Zampier: Mas o senhor já veio casado, o senhor veio com quantos anos para cá?

Dinaldo Domingues: Eu vim casado. Vim com três filhos: um de 4 anos, um de 3, 2.

Débora Zampier: Entendi...

Dinaldo Domingues: O outro, o caçula é que nasceu aqui, em 1976.

Débora Zampier: O senhor tem quatro filhos?

Dinaldo Domingues: Quatro filhos. São dois casais.

Débora Zampier: E sua esposa, o que ela achou de vir pra Brasília? Ela também tinha essa expectativa boa?

Dinaldo Domingues: Olha, eu não sei, ela disse que... eu acho que ela se empolgou quando

chegou aqui. Não queria deixar a beira da praia, eu não sei não, eu tenho minhas dúvidas. Mas, ela se adaptou aqui, e, eu num quebro a mão dela. Quer dizer, tem também uma ajuda que os filho são... tem essa questão de que os filho são casados, netos. Então, ela não quer mais voltar.

Débora Zampier: E o resto da família do senhor? Os irmãos...

Dinaldo Domingues: Ah, estão todos lá!

Débora Zampier: Ficaram todos lá?

Dinaldo Domingues: Ficaram. Mas a gente... de vez em quando se encontra. Tem uma em João Pessoa, casou em João Pessoa e ficou lá. É a terceira. E o resto está em Pernambuco.

Débora Zampier: Certo. Quando o senhor se mudou para cá, como é que era a cidade, para onde o senhor escolheu morar, como é que era aqui em Brasília?

Dinaldo Domingues: Eu vim para um apartamento, já me deram um apartamento, que estavam fazendo ali na 411 sul. Era o único bloco que tinha elevador. Mas mesmo assim, era uma poeira horrível. E o gozado é que o que eu mais senti falta, é que muito tempo de estudante, eu era músico, tocava trompete, e gostava, sempre toquei com isso. E lá em Recife, todo sábado a gente se encontrava, para tocar, para brincar... E aqui eu num conhecia ninguém. Você sabe qual foi a primeira farra que eu fiz aqui em Brasília?

Débora Zampier: Qual?

Dinaldo Domingues: Eu fui com minha mulher, no supermercado que tinha ali no nacional, só tinha um. Era o pão de açúcar... sei lá, era o único que tinha. E tinha a casa da banha também, mas ali era mais central e eu fui lá. Na hora que eu saí, é... pega estacionamento, eu vi um cara ali na calçada da rodoviária, um engraxate com uma flanela, fazendo batucada com a flanela. Um negócio... e cantando e fazendo batuque com a flanela e eu achei aquilo interessante. Aí eu deixei minha mulher em casa, as compras em casa, e voltei. Aí eu disse assim: “diga uma coisa, você conhece Pixinguinha?”. “Conheço, eu sou lá do Rio.” Aí a gente ia para uma roda de samba na asa norte. Aí, eu disse: “você me leva lá? Que horas você... que horas se entrega aqui?”. “Se for pra ir pra lá, eu vou agora. Então vamos!” E nós fomos. Era na 5, 6, 406, um barzinho mixuruca lá. Mas, estava bom, pô, a batucada lá, eu fui pra lá e... Aí, todo sábado, quando eu estava em Brasília, e vamos? Passo isso, uns 6, 8 meses a gente fazendo isso, depois ele sumiu, aí fui me entrosando com o resto da turma...

Débora Zampier: E esse pessoal que ia no bar era o quê? Era do Rio de Janeiro?

Dinaldo Domingues: Era escola de samba. Mangueira... Portela... Vieram transferido para vir para cá.

Débora Zampier: Entendi. E esse seu engraxate apresentou o senhor para turma, mas o senhor foi entrosando?

Dinaldo Domingues: É, depois eu fui... é... me juntando com o pessoal que vinha lá do... do nordeste... entendeu? Aí, eu conheci aqui um amigo meu que tocava bandolim, o outro tocava cavaquinho... o outro tocava violinha, o outro tocava flauta, aí bora, fomos fazendo. Ali no... onde era o... onde hoje é o HUB, era o hospital de servidores do Ipase. E tinha uma turma ali que tocava no beco, aí a gente se juntava, aí fomos levando a vida assim.

Débora Zampier: Mas era só brincadeira, ou vocês chegaram a ter um grupo musical, se apresentar...

Dinaldo Domingues: Não, era só brincadeira. Agora, eu... conheci... Aí quando eu me aposentei, eu fui para a escola de música. O quê que eu quero da vida, não quero mais trabalhar. Essa área de fiscalização é muito ruim, é muito... você rouba, você faz o que a lei manda, e se você fizer isso, você cria inimizade. Eu já cumpri minha parte, agora não quero mais isso. Então fui fazer escola de música.

Débora Zampier: Só depois de aposentado?

Dinaldo Domingues: Em 1990.

Débora Zampier: Interessante.

Dinaldo Domingues: Aí fui tentar meu curso de música. Foi lá onde eu encontrei meus amigos, a Nica, a Zilá foi da minha turma. Eu pulei um monte de semestre, terminei com o pessoal, beleza. Até hoje somos amigos.

Débora Zampier: Esse pessoal que o senhor está citando, só para a gente entender é... A Zilá... quem são?

Dinaldo Domingues: É a prima dela. Era pianista, flautista, pianista e flautista. Tinha o Alencar, tinha os sete cordas, o Botorió... é... muita gente, muita gente famosa.

Débora Zampier: Aqui está falando que o senhor também, além de músico é poeta. Como é que é essa história com a poesia?

Dinaldo Domingues: O negócio da poesia é o seguinte: a gente se reúne, e tinha... com uma cervejinha, e fica batendo papo, os cara fica dizendo do assunto da semana, o que foi do jornal, colocou, se teve corrupção, se não teve... esse negócio. Então eu ficava ali ouvindo o que eles diziam, aí começaram a fazer sonetos.

Débora Zampier: Isso quando? Faz muito tempo ou só agora?

Dinaldo Domingues: Não, não faz muito tempo não. Primeiro era só música, música. Aí... na nossa reunião, às vezes, faltava instrumento, os caras estavam viajando. E os que estavam lá, que a gente chama a plateia, são uns caras que não fazem nada, só bebem e escutam. E ficava conversando. Aí, eu ficava escrevendo mais um guardanapo, sabe? Aí colocava no bolso... aí quando chegava em casa, me lembrava... para não esquecer. Aí quando foi... um determinado dia... isso há uns quatro anos, quatro ou cinco anos atrás... Eu tenho um amigo que ele disse assim: rapaz, você está... de vez em quando você escreve, você anota isso? Disse: anoto, está aí. Traz pra gente vê. Aí, teve um sábado que levei. Rapaz, nós vamos editar isso, não vamos deixar assim não. Vamos editar. E por baixo da... E aí foi para a Zilá, e disse: “é... vou falar com uma prima minha, para você...”. Aí eu entrei em contato com a Isabela, e... ela produziu esse primeiro livro. E no ano passado, aí fizemos o segundo. Mas, tudo assim, de brincadeira.

Débora Zampier: O quê que falam, é... os poemas do senhor?

Dinaldo Domingues: Fala de tudo, de tudo. De saúde... de ‘trambicagem’... de propina... de tudo, de tudo. Da vida, enfim. Tem muitas de um cara que gosta de pinga.

Débora Zampier: (risos)

Dinaldo Domingues: Tem um negócio gozado, que eu anoto... assunto que se fala, aí eu fazia, sabe? Dependendo do que eles falavam.

Débora Zampier: E além dessa questão cultural, o que mais que o senhor gostava de fazer, depois que o senhor chegou e durante sua vida... o que era passa tempo para o senhor?

Dinaldo Domingues: Música, música eu gosto. Eu ganhei três festivais já...

Débora Zampier: Ah, conta mais então! (risos)

Dinaldo Domingues: Eu ganhei um festival de... de frevo, lá em Recife, ganhei o primeiro festival da Itaú, aqui há três, quatro anos atrás. E outro lá no... participei de um... festival de choro, nacional de choro, lá do Rio de Janeiro... é... que eu fui... Aí vai pingando, vai aparecendo, eu ia até passa... participa agora desse da rádio Nacional, mas está muito em cima, não sei se vai dar tempo, se der tudo bem. Termina as inscrições no dia 30. Eu gosto muito de lê, gosto de escrever, e adoro música. A eu fazia valsa de 15 anos, fiz um bocado. Que o meu computador... Agora na escola de música, eu fiz um curso, e informática somente pra música... tinha um programa chamado ‘siperes’, que para mim é o melhor. E fiz inclusive, com essa minha colega, a Zilá, ela, o Alencar, fizeram tudo. E eu escrevo, escrevi... eu perdi meu computador, tinha um programa no HD, e não teve jeito, eu perdi 92 músicas, 92 valsas orquestradas. Com, orquestra de violino, flauta... perdi 92. Tem alguma que eu me lembre assim, vou tentando reescrever, fica complicado... Agora, agora não, eu vou fazendo cópia de tudo que eu faço... para não correr o risco de perder, não?

Débora Zampier: Entendi. E o clube do choro? O senhor frequenta, o senhor faz parte...

Dinaldo Domingues: Eu frequentava, frequentava muito...

Débora Zampier: O senhor começou quando, sua relação assim, tal...

Dinaldo Domingues: É... desde o primeiro CD... 1990... 1994, parece... 1994. Tinha um amigo meu chamado Cices, era advogado, era... foi consultor jurídico de vários ministérios aqui... tocava cavaquinho, e cara que... e foi para o choro. E vamos para lá... Aí depois, o Cices morreu... e eu fui me envolvendo com outras coisas. Então eu vou às vezes ao clube do choro, mas não é com aquela assiduidade que eu ia antigamente. Inclusive, sábado houve, é... um aniversário... comemoração de aniversário de um amigo meu, colega de turma também, o Alencar, e o resto tava lá... a turma todinha, então foi muito bom.

Débora Zampier: E a ligação com o frevo? O senhor falou que participou de um festival de frevo...

Dinaldo Domingues: Frevo é o seguinte... é que eu sou de Pernambuco. E, aqui em Brasília... é eu vim pra cá... quando o Collor foi eleito, teve aquele negócio da poupança, a gente tava tudo certo que, carnaval a gente ia para Recife. Aí teve aquele negócio da poupança, e fico 50 reais na conta de cada um, então não dava para fazer nada, então não fomos. Então, eu fiz um frevo, em homenagem ao Recife, e mandei lá, para o meu concunhado. E ele deu entrada, e... veio... E fundamos aqui o galinho, o galinho de Brasília, também por que não tinha como, com viajar com 50 reais. Aí alugamos por tempo uma cota, alugamos uma Kombi, e um... troço lá de mecânico de música... uns antigo que tinha. Kombi na frente, um bocado de bêbado atrás... Aí no outro ano já organizamos mais... e foi crescendo... hoje não dá pra ir pra Recife. Quando um não vai, os outros têm que ficar, porque o galinho cresceu demais também... muito trabalho. Mas aí a minha vida em Brasília é essa daí...

Débora Zampier: Resume a cultura, o senhor diria?

Dinaldo Domingues: É, é, isso aí.

Débora Zampier: O galinho é... hoje em dia é quem cuida? É o senhor... que o senhor falou...

Dinaldo Domingues: Olha... foram 22 sócios fundadores. Morreram dois, três, quatro. Uns três ou quatro foram transferidos, voltaram para suas terras, aposentaram... E... quando eu digo isso, vai também, o casal. Mas hoje tem umas seis pessoas que... cabeça, que organiza, que corre atrás... uma trabalhadeira danada.

Débora Zampier: E aí, o senhor tava pensando em ir embora de Brasília, volta para sua terra, deixa aqui o galinho assim, desamparado? (risos)

Dinaldo Domingues: Não, mas eu faria a mesma coisa, eu viria de vez em quando aqui. Meus filhos tão aqui, meus netos tão aqui... meus irmãos, meus amigos lá do... eu fui agora, o ano trasado que eu fui, encontrei com a... aí souberam que eu estava lá, 14 da minha turma de ginásio, sabe quanto tempo tinha que eu não via esse pessoal? Chuta aí.

Débora Zampier: Desde 73, que o senhor veio para cá.

Dinaldo Domingues: Não.

Débora Zampier: Não?

Dinaldo Domingues: Não. De Sertânia, alto sertão de Pernambuco, do ginásio. Eu estou com... vou fazer 70 anos agora, terminei o ginásio com 16 anos. 54 anos que eu não via a turma, não conhecia mais ninguém. Aí fui reapresentando, todo mundo foi... bom demais. Aí, troca de telefone, de e-mail, aí fica. Mas é isso aí.

Débora Zampier: E, é, desse tempo todo que o senhor chegou, que o senhor falou que chegou aqui que não tinha nada em Brasília, hoje em dia está assim. Gigante, que é a principal mudança que o senhor vê, o que o senhor sente em relação a cidade nesses anos?

Dinaldo Domingues: A evolução foi total, em todos os aspectos. Tem algumas coisas que tem que melhorar, mas a culpa também é que a... Cresceu demais... porque, pelo que eu, eu leio de Brasília, a cidade foi projetada para 500 mil pessoas, hoje como cidade satélite, chega perto de 5 milhões, quer dizer, uma diferença grande. Muito carro, se bem que eles estão fazendo obra...

mas o... assunto da população... a expansão demográfica foi violenta. Mas muito bom, hoje você tem tudo, hoje você tem... hospitais de grande porte, respeitado na América Latina. Você tem supermercado, você tem tudo, tudo que você quer. Boas universidades... (ruído)

Débora Zampier: Opa! Desculpa ter te assustado.

Dinaldo Domingues: (risos)

Débora Zampier: Mas aí... Você quer pausar aí? É, eu vou pausar aqui um pouquinho... Eu quero recomeçar, a gente estava falando da cidade. O senhor estava falando dos problemas, mas que também tem as coisas boas, que hoje tem hospital, hoje tem muitas coisas que não tinha antigamente. E o quê que o senhor sente mais falta, que tinha antes, e não tem mais aqui?

Dinaldo Domingues: Não posso dizer que seja da poeira vermelha, que não é. (risos) Não, é que hoje, pela... o crescimento da população, tem aquela vida mais agitada, que era mais calma. Então era mais coloquial, assim sabe? Ia para casa de um, para casa de outro, aquele sarau, era um negócio mais, é... hoje é mais, mais corrido. Mas mesmo assim, é muito bom, muito bom. Eu comecei a escrever música, por que esse amigo meu, ele tocava bandolim, mas ele só ia se tivesse escrito na partitura. E na época era difícil de você conseguir partitura. Quando eu ia pro Rio de Janeiro, eu ia lá no sebo, lá na rua do BC, aí pegava algumas músicas lá, mas nem sempre era aquilo que a gente queria. Então, eu já num aguentava mais, que ele só tinha 3 choro decorado. Naquele tempo, que era do Pixinguinha, era do Pixinguinha. Naquele tempo, o Valdir de Azevedo, pedacinho do céu, e outra de Pixinguinha que eu não me lembro, eram 3. Mas sábado a mesma coisa, mesma coisa num dá, né? Aí eu disse: vou fazer o choro pra você. Mas isso na brincadeira. Cheguei em casa, escrevi uma partitura pra ele, aí ele leu: rapaz, tá bom, vamos fazer mais? Nessa brincadeira, 200 choro, tem 200 choro. Isso a gente tem mais umas... 180... 180 música popular, MPB. Aí surgiu a ideia de gravar o primeiro CD, eu gravei parece... em 93, 94, ainda tava na escola de música. Aí, depois veio o segundo, terceiro, o quarto, e eu sei que eu tenho umas 70 música gravada.

Débora Zampier: Quantos discos, mais ou menos?

Dinaldo Domingues: Cinco CDs. A dos sete bailes os caras gravaram, mas naqueles 'bulachinho' antigamente, sabe? E... fita cassete, aí... pronto.

Débora Zampier: Aí o senhor fala que naquela época o pessoal se conhecia mais, assim tal... a cidade era pequena.

Dinaldo Domingues: É, é, a agitação, a agitação era menor que a de hoje. Então existia mais aquele aconchego, sabe como é? Toda sexta-feira à noite um sarau, no sábado era na casa de um, na casa de outro... Eu já bati muito asa... Primeiro, que a idade do pessoal naquela época, quer dizer, há 30 e tantos anos atrás, quase quarenta anos. É... eu não tinha 10 netos, eu não tinha neto, tinha filho pequeno... então tinha tempo para isso, hoje você não tem mais tempo, hoje é... outra situação, entendeu? Mas mesmo assim é boa, é boa...

Débora Zampier: E o quê que sua família, seus filhos, seus netos, acham de Brasília? Nasceu aqui? Os netos...

Dinaldo Domingues: É, são brasilienses. Inclusive o meu filho mais novo nasceu aqui, nasceu em 76. E os meus netos todos são daqui.

Débora Zampier: E não pensam em ir embora?

Dinaldo Domingues: Não, adoram, adoram sim. Têm quatro que estudam no colégio militar,, tem três que estudam lá naquele colégio perto do lago, perto do Salomão, como é que o nome... Nossa Senhora... Tem dois... esqueço o nome... e o resto aqui mesmo. O caçula está com 2 anos... mas é bom demais.

Débora Zampier: E o senhor lembra de algum fato engraçado, diferente, que aconteceu com o senhor aqui, envolvendo a cidade, assim que o senhor lembre? Tem algum 'causo'? (risos)

Dinaldo Domingues: ‘Causo’ tem muitos, principalmente dessas reuniões que se fazia, sabe? Tem muita coisa, muita coisa que, engraçado.

Débora Zampier: Conta uma, por exemplo.

Dinaldo Domingues: Deixa ver se eu me lembro de alguma aqui. É... tinha uma amiga que era oficial do exército, isso é... complicado...

Débora Zampier: Uai, não sei... (risos)

Dinaldo Domingues: Então não vou contar. (risos)

Débora Zampier: Então melhor não, isso aqui vai sair na internet...

Dinaldo Domingues: Não vou citar nomes, vou dizer o seguinte. Tinha um amigo nosso, que saiu com a gente, e tinha a inauguração de um bar lá em Taguatinga. Aí a mulher dele, muito preocupada, ficava perguntando por todos nós. Olha, ele me disse que vai sair com vocês... Dr. Fulano, se for isso, eu vou ficar tranquila, porque sei que vocês são moderados, e... ele não foi nem dirigindo, foi no carro desse outro amigo. Chegamos em Taguatinga, aí ele perdeu a moderação, e tomou todas, aí perdeu o sapato, a camisa, a identidade, a carteira... e a gente pensou que... quer dizer, quê que faz? Vamos deixar em casa... aí chegamos na casa dele, chegamos lá. Deixa o carro, tira ele, bota no terraço, sentado na cadeira, toca e corre. Que eu tenho para... despertar a mulher dele desse jeito... (risos) Fizemos isso, fomos embora. Aí, na segunda-feira de manhã cedinho, isso foi no sábado, do sábado para o domingo, aí ele ligou para mim: e aí está tudo bem? Eu disse está, e você como vai? Bati no hospital, estou no hospital. Mas isso foi que horas? Ah, não estou bem não... queria saber se vocês acharam meu documento, minha carteira... aí eu já tinha ligado para lá, que o cara tinha guardado tudo... fique tranquilo. Aí eu passei 6 meses escondendo da mulher dele. (risos)

Débora Zampier: De moderado passou para má influência... (risos)

Dinaldo Domingues: Isso. Mas é por que eu nem ele num é esse tipo de cara que quando começa a beber não tem um limite, era o único que não dava trabalho...

Débora Zampier: Pelo que eu entendi, ele não tinha muito costume, já o senhor saía bastante...

Dinaldo Domingues: Não, mas ele saía também, só que metia o pé na jaca... (risos)

Débora Zampier: O senhor costumava assim, que o senhor foi para Taguatinga, o senhor costuma muito ir para as cidades satélites?

Dinaldo Domingues: Não, raramente a gente ia. Nós fomos a uma inauguração lá, nesse dia. Que era até um restaurante de um menino lá de Pernambuco, e nós fomos. Mas tinha muito... muito raio... a gente ficava mais na casa de um, de outro, sabe? Acontecia um negócio desses, mas não era comum.

Débora Zampier: De fim de semana assim, além do que o senhor falou de sarau, de encontro de música, o senhor gostava de fazer mais alguma coisa?

Dinaldo Domingues: Quando eu estava aqui em Brasília, eu praticamente só fazia isso.

Débora Zampier: O senhor viajava muito?

Dinaldo Domingues: É... mas, geralmente na sexta-feira, é... eu saía com minha mulher pra jantar, ficava por aqui... e no sábado ia para o happy-hour, aí dava uma fugida, dava uma fugida e às vezes ela reclamava por que... você sabe, mulher reclama de tudo. Um pequeno atraso de 4, 5 hora, ela ficava reclamando... marcava um jantar, que horas é o jantar? 9 horas, chegava 11 da manhã, ela ficava com cara feia. Pode não... Mas está aí, vamos fazer 45 anos de casado agora...

Débora Zampier: Reclama, mas gosta, né?

Dinaldo Domingues: É... sabe que, eu sô indispensável, modéstia à parte... (risos) Todo mundo é indispensável... ela disse que depois de velho, eu fiquei engraçado. A época, o estado do palhaço vai ficando... para divertir os netos, né? Pois é, minha filha é isso aí. Vim para Brasília.

Débora Zampier: Vir para Brasília. Mas aí, o senhor, se não fosse sua vontade de voltar para as origens, o senhor não saía daqui para ir para outro lugar, ou o senhor mudaria daqui se não fosse para Pernambuco?

Dinaldo Domingues: Não, não. Eu gosto daqui. E outra coisa, aqui é parte central você vai para mais perto de todo caminho. Minha filha... sempre gosta de ir para os Campos do Jordão, até hoje... conhece lá? E eu fui a primeira vez, no mês de julho, não vou mais... novembro, dezembro tudo bem, mas... é muito frio, não gostei muito. Eu vou às vezes, ali para a cidade de Belo Horizonte, cidade de Minas, cidade de Goiás... de vez em quando a gente vai...

Débora Zampier: Só passeio?

Dinaldo Domingues: É, só passeio.

Débora Zampier: Estava lembrando de uma coisa aqui, o senhor estava falando que na sua profissão é... tinha muita coisa que criava inimizade... e ainda assim o senhor tinha muito amigo aqui na cidade, né?

Dinaldo Domingues: Então, é... meus problema era o seguinte, eu era mais... eu era mandado para os portos, área de portos. E naquele tempo era muito porto, então, sob concessão de Estado, concessão privada, e tinha uma danada duma tomada de conta fazia todo ano, todo ano tinha que ir. E... ou você cumpre o que a lei manda, né... às vezes cria um certo constrangimento, o cara num quer aceitar... só num gostava de ir para a Amazônia, porque lá havia uns... uns portos... é... que era difícil de chegar. E primeiro, o voo já era muito longo, e... não sou muito chegado a isso, né? Ia porque era obrigado a ir, mas eu preferia ir para o nordeste... para o sul, se não fosse na época de inverno...

Débora Zampier: Mas pelo menos tinha voo, não tinha que vir de caminhão.

Dinaldo Domingues: Acontece que, por exemplo, tinha a Tras... era a Varig e a TransBrasil. O tratamento da Varig era ó... o menu que vinha, o cardápio era uma beleza! Você tinha carne, peixe e frango para escolher. Hoje se você tiver uma água... uma água mineral e um tabletezinho, é alguma coisa.

Débora Zampier: quando o senhor mudou para Brasília, o senhor veio de avião?

Dinaldo Domingues: Já, para ir para Vitória eu tinha que fazer o seguinte, não tinha voo direto, para eu ir para Natal, também não tinha voo direto, pegava daqui Brasília... Fortaleza... e voltava para Natal. Vitória, ia daqui para o Rio, para São Paulo, para poder ir para Vitória. Era TransBrasil, Varig... então... não era fácil.

Débora Zampier: O senhor gostava quando ia para essas viagens, depois de volta para casa? O senhor viajava muito...

Dinaldo Domingues: Toda volta é espetacular, você fica ansiando para chegar. Primeiro que... eu nunca gostei de hotel... ficava em hotel porque... num tinha o que fazer... quer dizer, eu nunca fui chegado nesse troço. E adorava, quando: terminou? Assinou a ata, vamos embora. Agora, no nordeste tinha algumas coisas boas, é... Natal mesmo, Fortaleza, é... João Pessoa... Tinha um negócio que... eu sou de lá então... tinha um i... Em Natal tinha um óleo de uma senhora... ela devia ter na época uns 80 e tantos anos, e ela fazia, tinha um peixe chamado Carapeba, e ele tem gosto de camarão. Era um peixinho assim, ela tirava a espinha, fritava o bicho, tirava a espinha, ficava só o filé. Aí, ela fazia uma tapioca e botava o peixe, eu não almoçava, quando eu chegava lá meu almoço era esse. (risos)

Débora Zampier: Esse tipo de coisa não encontrava, que tinha peixe... tinha abundância de peixe, tinha aqui assim na época em Brasília?

Dinaldo Domingues: Não.

Débora Zampier: Não, né?

Dinaldo Domingues: Você tinha peixe, mas peixe congelado, assim num era... tinha sardinha, sardinha enlatada tinha muita... (risos) Aí depois com o Guará, a fila do Guará... aí foi chegando, vinha de avião... o sinal é...

Débora Zampier: O senhor costumava muito ir na feira do Guará, comprar as coisas?

Dinaldo Domingues: O sinal aqui na... 116 norte, ainda tem um bar chamado... nosso lar. Toda quinta-feira eu ia lá, por que chegava o... E um cargueiro novo, de avião. Aí a gente ia comer, ia para o bar, num sei se tem mais. Aqui na vizinhança, toda sexta-feira tinha, depois... acabou, não teve mais.

Débora Zampier: Onde é bom de comer comida boa, de peixe... hoje em dia onde o senhor vai?

Dinaldo Domingues: Naeu... vou a... quando eu vou para o Camarão, eu vou para o Camarão e companhia ali, que eu adoro aquilo ali, tem lula, camarão... Na casa de... de bacalhau, eu vou lá no Furguinho. E... caranguejo é lá no... Bom solar.

Débora Zampier: Tá joia. Olha, eu acho que a gente já conversou bastante coisa, o senhor falou... é... seu nome, de onde o senhor veio, o senhor nasceu em que ano? O senhor não falou.

Dinaldo Domingues: 1941. Vou fazer 70 anos agora.

Débora Zampier: O senhor falou da sua vinda pra Brasília, o senhor veio a trabalho, né? O senhor já veio aqui casado, com 3 filhos. É... a adaptação, a gente não falou da adaptação. O senhor achou que foi fácil adaptar aqui, saindo da beira do mar, assim?

Dinaldo Domingues: Pra mim foi, por que eu viajava. Então pra mim foi. Meus filhos, primeiro era muito seco aqui, mais seco do que hoje. Então a adaptação aqui, a mucosa nasal sangrava... e meus filhos foram se adaptando. Eu não, nunca tive problema não. Minha mulher também não, nem sentimos muito a adaptação, mas... E de vez em quando, é... todo ano a gente ia para o nordeste. Montava todinho num carro, e ia para lá, para o nordeste.

Débora Zampier: E o frio? O senhor falou que fazia muito frio aqui também, né?

Dinaldo Domingues: Aqui em julho fazia muito frio, e fazia 1 grau... cheguei a pegar 1 grau aqui. E aquele vento dava a sensação térmica de, de menos 3, menos 4, era horrível. Foi melhorando a temperatura, né?

Débora Zampier: O senhor falou que morou na asa sul, o que o senhor fazia na época na cidade, acho que é isso. O senhor contou um causo, o senhor falou que o senhor trabalhou. Aí, aí eu estou tendo dificuldade de, de reunir o que o senhor falou. O senhor falou que tem 5, 7 CDs gravados...

Dinaldo Domingues: Eu tenho 5.

Débora Zampier: 5. São 70 músicas, né?

Dinaldo Domingues: É por que tem... tem umas músicas gravadas, é... que não foram CD, foram é... aqueles discos, fita cassete. Esse aí que foi antes, que não tinha CD ainda, CD chegou depois.

Débora Zampier: O senhor tem livro... de poema, um lançado, dois já. Tem o galinho... o senhor faz muita coisa.

Dinaldo Domingues: Mas num sei, isso aí não é trabalho, isso é uma diversão... isso é pura diversão! Deleite.

Débora Zampier: O senhor sente que o senhor aposentou e sua vida ficou mais feliz. Tem gente que aposenta e fica triste, né?

Dinaldo Domingues: É, o meu vizinho, meu vizinho, ele aposentou ele não bebe, mas no dia da aposentadoria dele, foi numa sexta à noite, ele foi aí tomou todas, recebeu placa, aquela solenidade toda. Aí... também... chegou em casa eram três horas da manhã. Aí passou sábado e domingo, aí num o vi, num encontrei mais. Meu vizinho. Aí na terça-feira quando ele esqueceu o pior, é... no bar de Itú, encontrei ele, o levantei, fiz joga fora da cama 6 horas. Troca de roupa, barbeado... para onde é que você vai? Não, vou vê o pessoal lá, não vou só vê como é que tá lá. Terça, segunda, terça e quarta. Você sabe o que a gente faz? Manda seu marido volta, se não ele vai morre ele só sabe faz isso. Vai entra numa depressão aí, e vai morre. Só sabe faz isso, aí voltou, agora tá uma maravilha, beleza. Já faz uns 4 ou 5 anos.

Débora Zampier: O senhor mora onde hoje?

Dinaldo Domingues: Moro ali na asa sul, na 109 sul.

Débora Zampier: O senhor frequenta o culto? O senhor vai lá...

Dinaldo Domingues: Frequento, desde 80. Quer dizer, quem frequenta são os meus netos, meus filhos, meus netos, às vezes eu vou lá... às vezes eu vou... mas os meus netos é que vão mais, meus netos e meus filhos.

Débora Zampier: Tem alguma música que o senhor tenha composto ou um poema que o senhor tenha escrito relacionado a alguma coisa da cidade, um evento, uma coisa?

Dinaldo Domingues: Tem aquele... aquele...

Débora Zampier: O senhor canta alguma coisa?

Dinaldo Domingues: Não, eu fiz instrumental. Inclusive eu fiz um choro para Brasília que agora, é... eu acho que o alemão tá na minha cola, vou agora, de vez em quando dar um brando. É... ô meu Deus... aquele foi aqui na, na... mês passado eles fizeram uma apresentação... e... sobre só Brasília. Eles fizeram uma homenagem a Brasília, e ele me ligou, disse: pô, eu esperava você... eu posso fazer... posso usar sua música? Eu disse pode. Ele fez uma adaptação de um arranjo e tocaram e ficou muito bonito.

Débora Zampier: Foi um choro pra Brasília?

Dinaldo Domingues: É Brasília, só Brasília, tudo Brasília. Tocaram e ficou muito bonito.